



**UCSAL – UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
PSICOLOGIA**

**DA SUBMISSÃO AO PODER: UMA ANÁLISE DA JORNADA DO
WALTER WHITE EM BREAKING BAD - A PSICOLOGIA DE
PERSONAGENS POPULARES**

VICTORIA OLIVEIRA MAIA SANTOS

SALVADOR – BA
2025

**DA SUBMISSÃO AO PODER: UMA ANÁLISE DA JORNADA DO
WALTER WHITE EM BREAKING BAD - A PSICOLOGIA DE
PERSONAGENS POPULARES**

Victoria Oliveira Maia Santos

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Psicologia da
Universidade Católica do Salvador, como
requisito obrigatório para obtenção do grau
de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof^ª. Me. Eurides Simões
Soares Hide.

**UCSAL - SALVADOR
2025**

Resumo

Este trabalho analisa a trajetória de Walter White, protagonista da série *Breaking Bad*, a partir dos atravessamentos existenciais, identitários e de poder que operam na construção de sua subjetividade. A pesquisa articula os referenciais da Psicologia Humanista, da Psicologia Fenomenológico-Existencial e dos conceitos foucaultianos sobre poder, além da estrutura simbólica da Jornada do Herói, para compreender como esses elementos atravessam o processo de desconstrução de sua identidade. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter documental e analítico, utilizando como objeto a própria narrativa da série. A análise revelou que a transformação de Walter não se reduz às circunstâncias externas, mas emerge da tensão constante entre liberdade, desejo, controle, finitude e desconexão de valores. O percurso do personagem reflete a fragmentação do self, a assunção da liberdade como condenação e a emergência do poder como elemento estruturante de sua nova identidade. Longe de ser uma trajetória que se enquadre em rótulos fixos, a experiência de Walter expõe a complexidade da condição humana, com suas ambivalências, contradições e potências destrutivas. A reflexão proposta também destaca a importância da Psicologia no diálogo com as produções culturais contemporâneas, reconhecendo as narrativas como dispositivos potentes na construção de subjetividades.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	3
2. BIOGRÁFICA DO WALTER WHITE E DE HEISENBERG	5
3. A JORNADA DO HERÓI E OS PROCESSOS DE TRANSFORMAÇÃO SUBJETIVA	6
4. MICROFÍSICA DO PODER: DINÂMICAS DE CONTROLE E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE	7
5. PSICOLOGIA EXISTENCIAL E HUMANISTA: LIBERDADE, SENTIDO, MORTE E IDENTIDADE	8
6. QUEM É HEISENBERG? A DESCONSTRUÇÃO DO HOMEM COMUM	9
7. A TRAVESSIA: DA INVISIBILIDADE AO CONTROLE ABSOLUTO	10
8. MICROFÍSICA DO PODER A DINÂMICA DE CONTROLE NAS RELAÇÕES COTIDIANAS	10
9. LIBERDADE, PODER E MORTE: AS ARMADILHAS EXISTENCIAIS	12
10. OZYMANDIAS: A DERROCADA DO IMPÉRIO E DO SELF	14
11. CONSIDERAÇÕES FINAIS	16
REFERÊNCIAS	19

1. INTRODUÇÃO

A série televisiva *Breaking Bad* (2008-2013), criada por Vince Gilligan, tornou-se um fenômeno cultural ao retratar a trajetória de Walter White, um inteligente e pacato professor de química esperando um bebê com sua esposa, e pai de um adolescente portador de paralisia cerebral, que, após ser diagnosticado com câncer terminal, embarca em uma jornada de transformação radical. Inicialmente motivado pela necessidade de assegurar o futuro financeiro de sua família, Walter White adentra o perigoso mundo da produção e tráfico de metanfetamina, adotando progressivamente um comportamento violento e controlador. Essa transformação, que o leva de cidadão comum a uma figura quase mítica do crime, desperta diversas questões relevantes para a psicologia, especialmente no campo da psicologia humanista e existencialista.

A psicologia humanista, baseada em Carl Rogers, foca na autorrealização e no desenvolvimento do potencial humano. Já a abordagem existencialista, influenciada por pensadores como Viktor Frankl e Rollo May, explora as escolhas e os dilemas existenciais diante da morte, da liberdade e da responsabilidade individual. Ambas as perspectivas são aplicáveis à análise de Walter White, uma vez que sua trajetória envolve questões sobre autenticidade, poder e as pressões da mortalidade. Neste trabalho, será feita uma análise dessas dimensões sob o prisma de como a doença terminal, o poder e o controle afetam sua identidade e seu comportamento.

Este trabalho consiste em uma pesquisa documental audiovisual, com caráter de estudo de caso não convencional, que analisa os aspectos emocionais, culturais e individuais que influenciaram as escolhas de Walter White - personagem fictício. É essencial compreender o contexto no qual o personagem estava inserido para obter uma perspectiva mais clara de quem ele era e quais influências exerciam pressão sobre suas decisões. A trajetória de Walter pode ser vista como um estudo de caso não convencional, onde o contato com o poder e a doença terminal fragmentam seu self, desconectando-o de seus valores mais profundos. A criação do alter ego "Heisenberg" simboliza essa fragmentação, expondo as contradições internas de

Walter e o impacto da destruição de suas relações interpessoais. Ao longo deste trabalho, essas questões serão abordadas sob uma ótica existencialista e humanista, considerando o impacto das escolhas de Walter sobre sua identidade e sua desconexão com a sociedade.

Este trabalho, mais do que oferecer respostas definitivas, buscará levantar questões sobre o ser humano diante de situações extremas. Somos produtos das nossas escolhas ou nossas escolhas são produtos de quem somos? Em que momento o homem se torna mau? O que seria maldade? Conhecer a jornada de Walter White pode não nos fornecer respostas claras, mas poderá nos fazer refletir sobre a complexidade dessas questões.

De que modo os atravessamentos existenciais, identitários e de poder contribuem para a transformação subjetiva de Walter White dentro da narrativa de *Breaking Bad*?

Este trabalho tem como objetivo geral analisar a trajetória de Walter White, considerando os atravessamentos existenciais, identitários e de poder que operam em sua transformação subjetiva, à luz da Psicologia Humanista, da Psicologia Fenomenológico-Existencial e dos conceitos foucaultianos sobre poder. Para isso, busca-se compreender como a estrutura simbólica da Jornada do Herói se articula na narrativa da série *Breaking Bad* e na construção do personagem; refletir sobre como as dinâmicas de poder, segundo Foucault, atravessam suas escolhas e participam da construção de sua identidade; e, por fim, analisar, sob a perspectiva da Psicologia, os temas de identidade, liberdade, morte, poder e desconexão de valores que perpassam sua trajetória.

Para alcançar esse objetivo, este trabalho percorre uma análise que se inicia pela apresentação dos referenciais teóricos que sustentam a compreensão da trajetória de Walter White, articulando conceitos da Psicologia Humanista, da Psicologia Fenomenológico-Existencial, da Microfísica do Poder e da estrutura simbólica da Jornada do Herói. A partir dessa base, desenvolve-se uma análise interpretativa que dialoga diretamente com a série *Breaking Bad*, considerando os atravessamentos de

identidade, liberdade, poder, morte e desconexão de valores que permeiam a construção do personagem. O percurso se organiza de forma a possibilitar uma reflexão profunda sobre os processos de subjetivação, os impactos das relações de poder na constituição do self e a desconstrução da autenticidade que emerge ao longo da narrativa. Por fim, o trabalho se encerra com uma reflexão sobre os achados produzidos, suas implicações e possibilidades de desdobramentos futuros.

2. BIOGRÁFICA DO WALTER WHITE E DE HEISENBERG

Durante os primeiros momentos do episódio piloto (20 de janeiro de 2008), Walter White é retratado como um homem submisso, conformado com sua vida limitada. Ele trabalha como professor de química em uma escola em Albuquerque, Novo México, uma região fortemente impactada pelo tráfico de metanfetamina. Walter reside com sua esposa Skyler, que está grávida, e seu filho Walter Jr., um adolescente com paralisia cerebral. Sua família imediata inclui também seus cunhados Marie e Hank Schrader, este último um agente da *DEA (Drug Enforcement Administration)*, cuja personalidade dominante frequentemente diminui Walter, reforçando o contraste em seus comportamentos.

No mesmo episódio, Walter descobre que tem um câncer de pulmão inoperável, após comemorar seu aniversário de 50 anos, mas mantém essa informação em segredo. Sua vida começa a tomar um rumo inesperado quando, durante uma operação da DEA conduzida por Hank, Walter testemunha uma ação contra o tráfico de metanfetamina. Nesse momento, ele reconhece seu ex-aluno, Jesse Pinkman, fugindo da casa onde o crime estava sendo cometido. Esse encontro desencadeia a decisão de Walter de se aliar a Jesse na produção de metanfetamina – uma escolha que, em um primeiro momento, parece ser motivada pelo desespero financeiro, mas que, ao longo da série, desencadeia uma relação complexa permeada por motivações nebulosas.

Walter rapidamente percebe que o poder e o controle que ele exercia em seu trabalho como químico o elevam a uma posição de domínio no mundo do crime. O relacionamento com Jesse, que começa como uma parceria baseada no conhecimento

técnico de Walter, evolui para uma dinâmica intrincada de controle e submissão, refletindo os temas de poder e manipulação que permeiam toda a série. O alter ego "Heisenberg" nasce dessa transformação, como uma personificação do desejo de Walter de se libertar das limitações de sua vida anterior e afirmar sua própria identidade, mesmo que às custas de sua moralidade.

A partir desses eventos, as motivações de Walter são impulsionadas por circunstâncias pessoais, familiares e sociais, refletindo um constante embate entre seus desejos de controle e os movimentos incontroláveis do meio em que está inserido. A história de Walter White revela aspectos existenciais profundos, incluindo o incontrolável, a iminência da morte, o desespero, as expectativas sociais e as complexas dinâmicas de gênero e poder.

Ao longo da série, a jornada de Walter White é marcada por dilemas éticos e escolhas morais que desafiam a noção de certo e errado. Suas ações refletem a angústia existencial do ser humano diante da liberdade irrestrita: até onde alguém está disposto a ir para garantir seus desejos mais profundos? A série nos faz questionar se a transformação de Walter foi um resultado das circunstâncias, ou se ele sempre abrigou essa capacidade para a violência e o controle, apenas aguardando o momento certo para emergir.

3. A JORNADA DO HERÓI E OS PROCESSOS DE TRANSFORMAÇÃO SUBJETIVA

Compreender a transformação subjetiva de Walter White exige uma análise que vá além das categorias morais simplistas de certo e errado. Trata-se de entender os processos pelos quais um sujeito constrói (ou desconstrói) sua própria identidade diante de atravessamentos existenciais, sociais, culturais e relacionais.

Para isso, este e os dois próximos capítulos se propõem a construir uma reflexão teórica que articula os conceitos da Jornada do Herói, da Microfísica do Poder e das bases da Psicologia Humanista e Existencial, evidenciando como esses referenciais iluminam as transformações vividas por Walter e como se manifestam na produção da subjetividade contemporânea.

A Jornada do Herói é uma estrutura narrativa identificada por Joseph Campbell (2007) em sua obra seminal *O Herói de Mil Faces*. A partir de uma análise comparativa de mitos, lendas e narrativas de diversas culturas, Campbell observa que há um padrão simbólico recorrente: um sujeito parte de seu mundo comum, é convocado a uma aventura, enfrenta desafios, provações e crises, e retorna transformado.

Para Campbell (2007), essa jornada não se limita ao campo da ficção, mas reflete movimentos psíquicos profundos, que fazem parte da experiência humana. É uma metáfora dos processos de enfrentamento das crises, da busca de sentido e da reconstrução identitária diante dos limites, perdas, dores e desafios que a existência impõe.

Christopher Vogler (2006), roteirista de Hollywood, adaptou essa estrutura para a narrativa cinematográfica, sintetizando-a em doze etapas. Ao analisar a trajetória de Walter White, é possível perceber que ele vive essa jornada, tensionando os contornos clássicos do herói. Sua transformação não conduz à redenção, mas à corrosão ética, afetiva e subjetiva — dando lugar ao surgimento de Heisenberg.

4. MICROFÍSICA DO PODER: DINÂMICAS DE CONTROLE E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE

Para além da análise narrativa, entender a transformação de Walter exige compreender as dinâmicas de poder que atravessam sua experiência. Michel Foucault (2014), em sua obra *Microfísica do Poder* - coletânea de textos e conferências originalmente publicadas entre 1972 e 1977 - rompe com a concepção tradicional de poder como algo concentrado nas instituições e propõe que o poder é difuso, circula nas relações, se instala nos discursos, nos saberes, nos corpos e nas práticas cotidianas.

Foucault (2014) afirma que o poder não é apenas repressivo, mas também produtivo: ele fabrica subjetividades, regula comportamentos, define o que é considerado normal, aceitável ou desviante. Isso significa que a identidade não é um dado, mas uma construção contínua, atravessada pelos dispositivos de poder.

No caso de Walter, percebe-se como essas dinâmicas operam desde o início da narrativa. Sua condição inicial — um professor mal remunerado, desvalorizado social e economicamente — reflete forças que lhe atribuem um lugar de invisibilidade, impotência e subalternidade.

Quando ele rompe com esse lugar, não é apenas por uma questão de sobrevivência econômica, mas pela necessidade psíquica de subverter as dinâmicas de controle às quais esteve submetido. Contudo, ao fazê-lo, não escapa do jogo de poder — apenas muda de posição dentro dele.

5. PSICOLOGIA EXISTENCIAL E HUMANISTA: LIBERDADE, SENTIDO, MORTE E IDENTIDADE

A abordagem fenomenológica e existencial da Psicologia oferece outro eixo fundamental para compreender essa transformação. Na visão de Heidegger (2013), o ser humano é um ser-para-a-morte, ou seja, é aquele que, ao tomar consciência de sua própria finitude, se vê convocado a fazer escolhas que conferem sentido à sua existência.

O diagnóstico de câncer é, portanto, a materialização desse confronto com a finitude. Walter se vê diante de duas possibilidades: aceitar passivamente seu destino ou ressignificar sua vida. Contudo, sua escolha se desloca para uma tentativa de controle absoluto sobre sua vida, a morte e os outros.

Viktor Frankl (2011) propõe que, mesmo nas condições mais extremas de sofrimento, o ser humano mantém a liberdade última: escolher o sentido que atribui à sua vida. Entretanto, quando essa busca por sentido se desconecta do eixo ético, ela pode ser tomada por mecanismos de compensação, ressentimento ou desejo de poder.

Carl Rogers (2009) destaca que o desenvolvimento humano ocorre quando o sujeito se alinha consigo mesmo, buscando autenticidade. A trajetória de Walter evidencia o movimento oposto: ao construir Heisenberg, ele se desconecta de si, dos outros e de seus próprios valores.

Rollo May (2004) acrescenta que a liberdade, sem responsabilidade, pode se tornar uma fonte de ansiedade, isolamento e destruição. É exatamente o que se observa na narrativa de Walter White.

Os conceitos discutidos — Jornada do Herói, Microfísica do Poder, Ser-para-a-morte, Sentido, Liberdade e Identidade — não são apenas ferramentas para interpretar a trajetória de Walter White. Eles são lentes para compreender como os sujeitos, no mundo contemporâneo, são atravessados por tensões entre desejo e limite, entre autonomia e controle, entre potência e destruição.

Assim, a análise que se seguirá nos próximos capítulos buscará evidenciar como essas dinâmicas operam concretamente na construção da subjetividade de Walter, articulando suas escolhas, suas ações e as consequências que elas produzem.

A análise que se propõe aqui não busca diagnosticar Walter White, tampouco reduzi-lo a uma caricatura de vilão, herói ou anti-herói. Pelo contrário, compreender sua trajetória implica reconhecer a complexidade da experiência humana, atravessada por escolhas, dilemas, contradições, angústias e desejos.

A travessia de Walter é, ao mesmo tempo, uma metáfora e um espelho. Ela reflete dinâmicas que não são exclusivas do personagem, mas que dizem respeito às formas como, na vida real, sujeitos constroem (e desconstroem) suas identidades, suas relações e seus sentidos de existência.

6. QUEM É HEISENBERG? A DESCONSTRUÇÃO DO HOMEM COMUM

A criação do alter ego¹ Heisenberg não é um movimento superficial ou estratégico. Trata-se, na verdade, de um processo profundo de reorganização subjetiva. Heisenberg não é outro. É Walter, atualizado, autorizado, liberado.

Na perspectiva da Psicologia Existencial, como propõe Heidegger (2013), o diagnóstico de câncer funciona como um gatilho que confronta Walter com sua condição de ‘ser-para-a-morte’. Esse confronto desestabiliza todas as estruturas

¹ **Alter ego:** expressão do latim que significa literalmente “*outro eu*”. Refere-se a uma segunda identidade, faceta ou persona de alguém, geralmente contrastante, oculta ou reprimida, que carrega aspectos não manifestos no self cotidiano, mas que fazem parte da estrutura subjetiva do sujeito.

prévias que sustentavam seu self: a identidade de marido, pai, professor e cidadão perde centralidade diante da urgência da finitude.

Entretanto, ao invés de mobilizar esse confronto para uma busca de autenticidade, Walter desloca essa angústia para uma busca por controle. Como nos alerta Rollo May (2004), a liberdade, quando não acompanhada de responsabilidade, pode se tornar uma armadilha — e foi exatamente o que ocorreu.

Quem é Heisenberg? Ele é a resposta de Walter ao próprio sentimento de impotência. É a encarnação do desejo de ser visto, reconhecido, respeitado. A frase emblemática “*Say my name*” (Diga meu nome), proferida por Heisenberg, sintetiza não apenas o jogo de poder, mas a necessidade subjetiva de validação, de existir simbolicamente na ordem social e no olhar do outro.

7. A TRAVESSIA: DA INVISIBILIDADE AO CONTROLE ABSOLUTO

A jornada de Walter se inicia sob o arquétipo clássico do herói, como define Campbell (2007), mas rapidamente se desvia, mostrando que a travessia do herói pode, sim, conduzir não à iluminação, mas ao abismo.

O diagnóstico representa a chamada para a aventura. O encontro com Jesse² é o equivalente ao encontro com o mentor, ainda que subvertido, já que Jesse representa, simultaneamente, o passado fracassado de Walter e a porta de entrada para sua reinvenção.

Ao atravessar o primeiro limiar — quando produz sua primeira carga de metanfetamina —, Walter não apenas cruza uma fronteira legal, mas, sobretudo, uma fronteira interna. A partir desse ponto, cada escolha opera como uma desconstrução do self anterior e uma construção ativa do novo self: Heisenberg.

Foucault (2014) já nos alertava que o poder não é algo que se possui, mas algo que se exerce, e que, ao ser exercido, também produz sujeitos. Walter, antes oprimido

² **Jesse Pinkman:** personagem da série *Breaking Bad*, ex-aluno de Walter White, é um jovem usuário e pequeno traficante que se torna seu parceiro na produção de metanfetamina. A relação entre eles, inicialmente baseada na união de interesses, evolui para uma dinâmica marcada por dependência, manipulação e atravessamentos de poder, que refletem tanto a dominação exercida por Walter quanto suas próprias contradições internas.

pelas microrrelações de poder — no trabalho, na família, na sociedade — agora inverte essa lógica, tornando-se ele próprio agente produtor de poder. Contudo, essa produção não é isenta de custos: para dominar, ele precisa também sustentar o jogo da dominação, que rapidamente se torna incontrolável.

8. MICROFÍSICA DO PODER A DINÂMICA DE CONTROLE NAS RELAÇÕES COTIDIANAS

A relação entre Walter White e Jesse Pinkman revela, de forma contundente, como o poder não surge apenas nas grandes estruturas sociais, mas se manifesta de forma microscópica, difusa e cotidiana — exatamente como propõe Foucault (2014) em sua análise da microfísica do poder.

Jesse nunca foi, de fato, um parceiro em pé de igualdade. Desde a relação professor-aluno, Walter já exercia sobre ele um tipo de poder simbólico que ia muito além da simples hierarquia escolar. Isso fica explicitado quando, em determinado momento da série, Jesse encontra provas antigas corrigidas por Walter e se depara com comentários sarcásticos, desdenhosos e depreciativos. Não se tratava apenas de avaliações acadêmicas, mas de uma prática cotidiana de rebaixamento simbólico, de marcação de inferioridade.

Ao migrarem da escola para o laboratório de metanfetamina, a lógica do poder não apenas se mantém, como se intensifica. Walter é quem detém o saber técnico, o conhecimento científico, e, portanto, também o controle sobre os processos, sobre as decisões e, de forma muito evidente, sobre a própria vida de Jesse. Este se torna, mais uma vez, o aluno, o subordinado, aquele cuja função é obedecer, executar, aprender — nunca contestar.

Esse exercício de poder não se limita às dinâmicas operacionais do negócio. Walter, ao longo da série, manipula Jesse emocionalmente. Alterna os papéis de mentor, pai, amigo e opressor. Cria nele uma dependência afetiva, que faz com que Jesse busque, quase desesperadamente, a aprovação de Walter, mesmo quando essa aprovação nunca vem, ou vem acompanhada de humilhações, chantagens e punições simbólicas.

Sob a ótica foucaultiana, essa dinâmica se sustenta porque se ancora no saber. Quem detém o saber detém o poder. E Walter, com sua superioridade intelectual, seu domínio da química, sua retórica afiada e sua habilidade de manipular, mantém Jesse constantemente num lugar de sujeição. Isso evidencia o que Foucault (2014) afirma: o poder não se possui; o poder se exerce. E é justamente nesse exercício que ele se reproduz, se consolida e captura subjetividades.

O mais perturbador dessa relação é perceber que, embora as dinâmicas de dominação estejam escancaradas, há também, no meio desse jogo de poder, laços afetivos ambíguos, contraditórios e profundamente marcados pela dependência mútua. Jesse, ao mesmo tempo que é explorado, também representa para Walter uma extensão de si, um espelho de sua própria jornada: um sujeito que, assim como ele, carrega marcas de fracasso, invisibilidade e desajuste social.

Portanto, a relação entre Walter e Jesse funciona como uma lente de aumento que permite visualizar, de forma nítida, como os mecanismos de poder atravessam as relações mais cotidianas, as experiências interpessoais, e como esses mecanismos moldam identidades, geram dependências, produzem submissões e, muitas vezes, também resistências.

9. LIBERDADE, PODER E MORTE: AS ARMADILHAS EXISTENCIAIS

No discurso inicial de Walter, sua motivação parece ser clara: garantir o futuro financeiro da família. Contudo, à medida que a narrativa se desenrola, torna-se evidente que essa justificativa é apenas uma camada superficial, um verniz moral que encobre questões subjetivas muito mais profundas e complexas.

Sua busca é, na verdade, por uma liberdade que nunca experimentou. Uma liberdade que é, simultaneamente, econômica, simbólica e existencial. Contudo, a liberdade, na ótica existencialista, não é uma escolha opcional, mas uma condição inevitável da existência. Como destaca Sartre (1997), “*estamos condenados à liberdade*”, no sentido de que, uma vez conscientes de nossa existência, somos integralmente responsáveis por tudo o que escolhemos e fazemos. Isso significa que, ao assumir sua própria liberdade, o sujeito assume também a responsabilidade total sobre

seus atos, escolhas e existência. E, no caso de Walter, essa liberdade não lhe traz paz, mas inaugura um ciclo interminável de controle, vigilância, paranoia e destruição.

Rollo May (2004) aprofunda esse pensamento ao afirmar que a liberdade, quando desconectada da responsabilidade, deixa de ser potência e se torna um fardo — fonte de ansiedade, solidão e, muitas vezes, violência. E é exatamente essa a dinâmica que se instala na vida de Walter White. O que, inicialmente, aparece como um movimento de libertação — romper com a precarização econômica, com a invisibilidade social e com a impotência diante da própria morte —, se converte rapidamente em prisão. Uma prisão construída não por forças externas, mas pela própria tentativa desesperada de controlar o incontrolável.

Por outro lado, a morte — que, no início, funcionava como o motor que impulsionava suas escolhas — transforma-se, paradoxalmente, em algo secundário. Walter passa a se preocupar menos com sua morte física e mais com a construção de uma imortalidade simbólica. Seu desejo se desloca da sobrevivência para o legado. Mais do que viver, ele quer ser lembrado, ser reconhecido, ser temido, ser aquele que deixou sua marca, que se tornou alguém.

Esse desejo por potência, controle e imortalidade simbólica, no entanto, não pode ser lido de forma dissociada das construções sociais de gênero que atravessam sua subjetividade. A figura do provedor, do homem que não depende, que não falha, que sustenta, que vence, está o tempo todo em cena, operando como um motor subjetivo tão poderoso quanto o próprio medo da morte.

Essa dinâmica se expressa de forma clara na recusa obstinada de Walter em aceitar ajuda financeira dos ex-sócios da Gray Matter Technologies — empresa que ele ajudou a fundar e da qual se retirou por meros cinco mil dólares, enquanto os colegas tornaram-se bilionários. Aceitar esse dinheiro, que resolveria instantaneamente sua situação, significaria, para ele, uma morte simbólica. Seria assumir a própria impotência, o próprio fracasso, a própria incapacidade de cumprir aquilo que a cultura lhe ensinou como sendo a função do homem: prover, sustentar, controlar.

É exatamente essa mesma lógica que Gus Fring – um empresário e traficante de drogas que se alia a Walter para expansão dos negócios voltados à produção de metanfetamina. –, de maneira extremamente inteligente e calculada, ativa quando deseja convencer Walter a continuar no negócio. Gus não apela diretamente para o dinheiro. Ele aciona o ponto mais sensível da construção identitária de Walter: sua masculinidade. A frase que Gus profere se torna, dentro da narrativa, um gatilho existencial devastador:

“Você é um homem. E um homem provê para sua família. Mesmo que eles não percebam. Mesmo que eles não queiram. Mesmo que eles te odeiem por isso. Um homem faz isso porque ele é homem.”

Essa fala não oferece apenas uma justificativa. Ela entrega a Walter exatamente aquilo que ele busca: a validação simbólica de sua existência como homem, como provedor, como alguém que faz, que constrói, que sustenta. Não é, portanto, o dinheiro que move Walter. É o desejo de ser alguém, de ser reconhecido, de não ser, jamais, visto como fraco, impotente ou fracassado.

Na leitura foucaultiana, isso revela como o poder não apenas estrutura relações externas, mas também produz sujeitos, fabrica identidades e organiza sentidos internos. Walter não exerce simplesmente o poder. Ele se torna produto do próprio poder que tenta exercer. Seu desejo por controle não é só sobre o mundo externo, sobre as drogas, sobre o dinheiro ou sobre os outros. É, acima de tudo, sobre si mesmo. É uma tentativa desesperada de organizar o próprio caos interno, de calar o medo da morte, da finitude, da irrelevância.

Contudo, essa busca não é livre de custos. Como destaca Rollo May (2004), a liberdade desconectada da responsabilidade gera não apenas destruição para o outro, mas também para si mesmo. O que Walter constrói não é um caminho de liberdade, mas uma prisão subjetiva, na qual se torna refém de sua própria narrativa, de sua própria máscara, de sua própria compulsão por controle.

Portanto, o que inicialmente surge como uma jornada em busca de liberdade e superação da morte se revela, na verdade, como uma armadilha existencial. Uma armadilha construída pela própria estrutura de gênero, pelo orgulho ferido, pela

necessidade de controle, e pela ilusão de que é possível vencer a finitude pela via do poder. O preço? Sua própria desconexão com tudo aquilo que, supostamente, dizia proteger.

10. OZYMANDIAS: A DERROCADA DO IMPÉRIO E DO SELF

Ozymandias é mais do que um episódio icônico de *Breaking Bad*. É uma metáfora cuidadosamente escolhida para representar não apenas o colapso do império criminoso de Walter White, mas, sobretudo, o colapso de sua própria identidade, de seu self e de toda a construção subjetiva que o sustentava até então. O poema homônimo, escrito por Percy Bysshe Shelley em 1818, descreve uma estátua destruída no deserto. Aos seus pés, lê-se: “*Meu nome é Ozymandias, rei dos reis: contemplai minhas obras, ó poderosos, e desesperai-vos!*” — rodeado de areia, ruínas e vazio.

Essa imagem traduz exatamente o que se desenrola na vida de Walter. Tudo aquilo que construiu — seu império, seu nome, sua reputação, seu controle — desmorona. Resta apenas a ruína, o vazio, o eco de um nome que, por mais que tenha tentado se eternizar, se desfaz, se dilui, se perde.

Se até aqui observamos Walter lutando para manter o controle, a potência, a dominação e a narrativa de que fazia tudo pela família, é no momento simbólico de *Ozymandias* que essa narrativa implode. Não resta mais fachada, não há mais mentira que se sustente. O colapso externo — financeiro, relacional, social e criminal — acompanha, inevitavelmente, o colapso interno, psíquico e subjetivo.

Carl Rogers (2009) afirma que o processo de se tornar pessoa está diretamente ligado ao alinhamento entre o self e a experiência, à congruência e à autenticidade. Walter trilha, desde o início, o caminho inverso. Sua identidade, antes organizada em torno de valores como família, cuidado e dignidade, vai sendo progressivamente deslocada para os eixos do poder, do controle e da dominação. O que começa como uma máscara — Heisenberg — se torna, com o tempo, mais real do que o próprio Walter. A máscara se funde à carne, e o personagem engole a pessoa.

Essa desconexão total do self gera uma das grandes questões existenciais da série e deste trabalho: Walter se tornou Heisenberg...ou sempre foi? Até que ponto as estruturas da nossa identidade são sólidas? Ou até que ponto elas são, na verdade, construções frágeis, sustentadas por circunstâncias, papéis sociais, desejos reprimidos e medos mal elaborados?

Na ótica existencialista, a liberdade não é uma dádiva leve — é, como sugere Sartre (1997), uma condição inescapável que carrega consigo não apenas possibilidades, mas também o peso da responsabilidade total por cada escolha. A existência humana, nessa perspectiva, não permite neutralidade: assumir-se como autor da própria vida é também assumir os custos, as consequências e as reverberações, inclusive quando isso expõe as dimensões mais sombrias de si.

A confissão que faz a Skyler — *“Eu fiz isso por mim. Porque eu gostava. Porque me fazia sentir vivo”* — não é apenas um desabafo. É o ápice do reconhecimento existencial. É quando, finalmente, Walter deixa cair não apenas a máscara de Heisenberg, mas também a máscara social, a máscara do marido, do pai, do provedor. É quando ele se encara, talvez pela primeira vez, sem mediações, sem desculpas, sem narrativas fabricadas. Walter assume de maneira nua e crua sua condição de sujeito livre, autor de sua própria existência, e, por consequência, responsável integral pelos destroços que ela gerou — para si, para sua família, para tudo ao redor.

Esse momento é, na leitura de Rollo May (2004), o instante em que o indivíduo confronta, de forma inescapável, sua própria liberdade e sua própria responsabilidade. A liberdade, quando não é acompanhada de responsabilidade e autenticidade, se converte não em potência, mas em destruição — tanto do outro quanto de si.

Cada escolha que Walter faz ao longo de sua jornada não apenas molda quem ele se torna, mas também destrói tudo aquilo que dizia proteger. Sua família, seus vínculos, sua própria dignidade — tudo se perde na tentativa desesperada de construir um império que, assim como a estátua de *Ozymandias*, não resiste à passagem do tempo, nem às forças da realidade, nem ao peso da própria existência.

E, diante desse colapso, a pergunta persiste, latente, desconfortável: Walter é herói, anti-herói ou vilão? Ou, talvez, a questão mais honesta seja: ele é, simplesmente, humano — sujeito de suas potências e de suas misérias, de seus afetos e de suas violências.

Ele não é um monstro, nem um mártir. É um homem. Um homem que, diante da finitude, da morte e do vazio, fez escolhas. E, como todo ser humano, se tornou o que escolheu ser — ou, talvez, aquilo que sempre esteve latente, à espera das circunstâncias certas para emergir.

Assim como no poema, o que resta são as ruínas. O nome permanece, talvez. Mas o nome, assim como a estátua, está rachado, quebrado, cercado de areia, de silêncio e de vazio. O que permanece, de fato, não é o império que Walter construiu. O que permanece são as perguntas.

E são essas perguntas que, agora, conduzem à reflexão que se consolida na conclusão deste trabalho.

11. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A constatação de que o colapso de Walter White reflete o colapso de sua identidade e do império simbólico, aqui, não é apenas uma conclusão de uma análise, mas também uma abertura para uma reflexão mais aprofundada sobre os desafios que a condição humana enfrenta. Sua trajetória, mais do que uma narrativa, demonstra como a liberdade, o desejo, o poder e a falta de conexão entre valores são fatores que moldam, tensionam e, muitas vezes, fragmentam o indivíduo.

Este trabalho buscou compreender a trajetória de Walter White não apenas como a história de um personagem ficcional, mas como a representação simbólica dos atravessamentos que constituem a própria condição humana. A partir das lentes da Psicologia Humanista, da Fenomenologia Existencial e dos conceitos foucaultianos de poder, foi possível perceber que a transformação de Walter não é um fenômeno isolado, tampouco puramente externo. Sua desconstrução identitária reflete as tensões entre liberdade, responsabilidade, desejo, poder e desconexão de valores — temas que atravessam qualquer processo de subjetivação.

Ao longo da análise, torna-se evidente que a transformação de Walter White não é uma exceção, mas, muitas vezes, um espelho das ambiguidades humanas. A série *Breaking Bad* nos provoca a reconhecer que aquilo que há de destrutivo, controlador, sedento por poder e reconhecimento, não é um desvio, mas uma possibilidade latente em todo sujeito, constantemente tensionada pelos contextos, escolhas e pelas estruturas que moldam nossas existências. Essa reflexão, mais do que produzir respostas, levanta questionamentos sobre quem somos, sobre o que nos constitui e até que ponto somos, de fato, conscientes da autoria sobre nossas próprias vidas.

O desenvolvimento deste trabalho também proporcionou uma ampliação pessoal e profissional significativa, tanto no aprofundamento teórico quanto na capacidade de compreender como os discursos culturais, as narrativas midiáticas e as construções simbólicas participam ativamente da formação de subjetividades. Esse percurso evidencia o quanto é fundamental que a Psicologia mantenha diálogo constante com os fenômenos culturais, especialmente em um mundo onde as mídias produzem, validam e reproduzem modos de existir.

Por outro lado, o percurso acadêmico também revelou desafios. Se, por um lado, o curso de Psicologia oferece uma base sólida na compreensão da subjetividade, por outro, percebe-se a necessidade urgente de que a formação acadêmica amplie seus olhares para além das práticas clínicas tradicionais, abraçando discussões contemporâneas que envolvam cultura, mídia, narrativas e suas relações com os processos de subjetivação.

Este trabalho não se encerra em si. Ao contrário, abre possibilidades para outros olhares, outras análises, outros percursos. A análise de produções culturais como recurso metodológico e como espaço legítimo de reflexão psicológica é um campo vasto, fértil e urgente. Afinal, as narrativas que consumimos, os discursos que nos atravessam e os personagens que habitam a cultura não apenas refletem o mundo — eles o constroem, o tensionam e o transformam.

REFERÊNCIAS

- BREAKING BAD. Direção: Vince Gilligan. Produção: Vince Gilligan; Mark Johnson. Albuquerque: High Bridge Entertainment; Gran Via Productions; Sony Pictures Television, 2008–2013. 5 temporadas, cor, son.
- CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- FRANKL, Viktor E. *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2011
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- MAY, Rollo. *A coragem de criar*. 17. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- ROGERS, Carl. *Tornar-se pessoa*. 25. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- SHELLEY, Percy Bysshe. Ozymandias. Tradução de Adriano Scandolara. Recanto das Letras, 2006. Disponível em:
<https://www.recantodasletras.com.br/poesia/traduzidas/50135>. Acesso em: 02 jun. 2025.
- VOGLER, Christopher. *A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.